

WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO

WALTER RODRIGUES AND “COLUNÃO’S” CONTRIBUTIONS TO ALTERNATIVE AND CRITICAL JOURNALISM IN MARANHÃO

José FERREIRA JUNIOR¹

Universidade Federal do Maranhão | Brasil

Lucilinda Ribeiro TEIXEIRA²

Universidade da Amazônia | Brasil

Mary Aurea EVERTON³

Universidade Federal do Pará | Brasil

Resumo

Busca-se analisar, por meio de pesquisa documental, a importância do Colunão, produzido e editado por Walter Rodrigues. Protagonista, de certa maneira, do jornalismo investigativo no Maranhão, sobretudo pela utilização de informações captadas de fontes credíveis, às vezes, do próprio setor público. Rodrigues trabalhou nos principais jornais de São Luís: *O Imparcial*, *O Estado do Maranhão* (descontinuado há poucos anos), *Jornal Pequeno*. Tendo como *corpus* exemplares impressos do Colunão do século XX e da primeira década do século XXI, é possível se verificar a luta de Walter Rodrigues pela liberdade de expressão. O ponto de vista para a análise é a história cultural da mídia, com ênfase para o lugar de memória. O Colunão era norteador pela defesa dos direitos fundamentais no exercício de plena cidadania. Conclui-se que há traços perenes no modo operacional de órgãos de imprensa com viés para um olhar fora dos sistemas convencionais de mídia: o caso do Colunão.

Palavras-chave

Mídia impressa; Walter Rodrigues; Liberdade de expressão; Colunão.

Abstract

The aim is to analyze, through documentary research, the importance of “Colunão”, produced and edited by Walter Rodrigues. Protagonist, in a certain way, of investigative journalism in Maranhão, especially through the use of information captured from credible sources, sometimes from the public sector itself, Rodrigues worked in the main newspapers in São Luís: “O Imparcial”, “O Estado do Maranhão” (discontinued a few years ago), a small newspaper. Using printed copies of the Column from the 20th century and the first decade of the 21st century as a corpus, it is possible to verify Walter Rodrigues' fight for freedom of expression. The point of view for the analysis is the cultural history of the media, with an emphasis on the place of memory. “Colunão” was guided by the defense of fundamental rights in the exercise of full citizenship. It is concluded that there are perennial traits in the operational mode of press organizations with a bias towards looking outside conventional media systems: the case of Colunão.

Keywords

Print media; Walter Rodrigues; Freedom of expression; Column.

¹ Professor da graduação em Jornalismo e do Mestrado Profissional em Comunicação da UFMA. Contato:jferr@uol.com.br.

² Docente da Universidade da Amazônia (Unama). Contato: lucilind@uol.com.br.

³ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. Contato:aurea.everton@ufma.br.

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

RECEBIDO EM 28 DE OUTUBRO DE 2023
ACEITO EM 30 DE DEZEMBRO DE 2023

Introdução⁴

O Colunão do jornalista Walter Rodrigues, em suporte impresso, foi uma expressão jornalística de um profissional com larga experiência na construção do texto para a mídia, com característica crítica. Embrionariamente, representou agregação de características do jornalismo guiado por dados, prática comum atualmente, potencializada pela utilização das plataformas digitais. O Colunão também foi uma experiência profissional de jornalismo com rara independência em terras maranhenses, que aproximou o leitor de temas como direitos humanos, cidadania e participação nas lutas democráticas.

O jornalista Walter Rodrigues nasceu em Belém – PA, em 16 de outubro de 1949, falecido em 18 de maio de 2010, em São Luís do Maranhão. Radicado na capital maranhense em meados da década de 1970, trabalhou em diversos jornais, tais como: *O Imparcial*, *O Estado do Maranhão* (já descontinuado), *Jornal Pequeno*. Foi correspondente dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* (Santos, 2010).

Em 2008, o jornalista ganhou o “Prêmio José Augusto Mochel”, entregue pelo Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil (PC do B) em São Luís, criado com o objetivo de homenagear militantes políticos, lideranças de esquerda e entidades da sociedade civil que tenham se dedicado à luta democrática, popular e socialista no Maranhão.

⁴ Uma versão preliminar deste texto foi publicada pelos anais do XIII Encontro Nacional de História da Mídia em 2021.

WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO

Os exemplares, disponibilizados para esta investigação, datam dos últimos anos do século XX e da primeira década do século XXI. No entanto, esta pesquisa não pretende analisar de forma cronológica todas as temáticas abordadas em cada edição, mas alinhar algumas questões essenciais para o entendimento da história do Colunão.

A doação do acervo do Colunão, de posse da família do jornalista, para o Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), aconteceu pouco depois do falecimento de Walter Rodrigues, cujo ensejo motivou esta autoria, juntamente com uma equipe de docentes e discentes daquela IES, a empreender um projeto de pesquisa, o qual obteve, por intermédio de edital universal, em 2019, um financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. O objetivo mais concreto desta investigação é revisitar o Colunão em uma pesquisa documental, ou seja: executar o manejo dos exemplares ainda disponíveis da publicação, os quais foram doados à UFMA. Após uma triagem inicial, operou-se a digitalização do acervo para uma futura hospedagem no *site* da Universidade Federal do Maranhão. Trata-se de uma transladação do ambiente impresso para as possibilidades multidimensionais do universo digital.

Pretende-se, com efeito, lançar luz sobre a história do Colunão (uma espécie de tabloide variando do tamanho A3 ao A4), no sentido de destacar seu papel crítico. Deseja-se até mesmo alertar os possíveis limites dessa capacidade de emitir juízo num momento de inflexão do poder hegemônico há décadas, no panorama político maranhense, ao mesmo tempo em que lideranças emergentes começaram a ter visibilidade local e nacional, algo de certa forma capturado pelo viés da crítica analítica de Walter Rodrigues. Trata-se, portanto, de um exercício crítico do jornalismo.

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

A ancoragem teórica desta investigação tem como referência as abordagens da história cultural (Gombrich, 1994; Barbosa, 2007; Barbosa, Ribeiro, 2007; Ricoeur, 2007; Chartier, 2009), no sentido de ela ser uma espécie de matriz para as demais histórias: política, econômica, demográfica etc. Com efeito, tem-se no horizonte o conceito de memória que não omite a existência do esquecimento, podendo-se falar até de uma “história cultural da memória e do esquecimento” (Ricoeur, 2007, p. 400).

Na chave vinculada ao esquecimento e à lembrança, encontra-se no repertório temático do Colunão em que há vazão a temas cuja ênfase é a promoção da cidadania: direitos humanos, serviços públicos, ecologia etc.

A perspectiva que se abre, presumivelmente, é aquela direcionada para uma leitura na qual se possa ampliar os horizontes do olhar, cuja compreensão asseveraram Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro:

Fazer uma história que envolva os meios de comunicação não é apenas informar ou analisar o que esses meios publicavam; não é somente discorrer sobre as estratégias discursivas dessa imprensa; não é também se limitar a analisar os grandes nomes e os grandes feitos dos homens de imprensa. É dar conta de um processo comunicacional que envolve sempre o que foi produzido, quem produziu, por que produziu, para quem produziu. Como eram essas mensagens produzidas; como circulavam; que materialidade possuíam; que atores estavam envolvidos ao longo do processo. E, por último, a quem eram destinadas (Barbosa; Ribeiro, 2011, p. 26).

A empreitada deste artigo não abarcará todos esses pressupostos elencados pelas autoras acima citadas. Todavia, há forte intenção de compreender a complexidade envolvida no tema em tela, descartando-se simplificações inoportunas na tessitura do conhecimento. Trata-se de ir ao encontro do que Edgar Morin afirma sobre o caráter multidimensional e inseparável da expressão cognitiva: [... o conhecimento não poderia se reduzir a uma única noção, como informação, ou percepção, ou discriminação, ou ideia, ou teoria; antes se deve conceber nele vários

modos ou níveis, aos quais corresponde cada um destes termos] (Morin, 1987, p. 15).

Referenda-se Morin, de maneira explícita, em abordagem transversal neste texto. Demarca-se, inicialmente, o campo histórico do qual provêm ancoragens editoriais que sustentam política e ideologicamente caminhos a exemplo daqueles trilhados por Walter Rodrigues.

Motivo para novos olhares da imprensa

Entende-se que experimentos profissionais, a exemplo da iniciativa de Walter Rodrigues, possuem um legado deixado por experiências anteriores como registra Bernardo Kucinski em sua obra *Jornalistas e revolucionários* (1991), na qual destaca o “modelo ético-político”, cuja categoria advém de Ana Maria Nethol, no texto intitulado “*Reflexiones Acerca de la Teoría y Acción Comunicativas de los Procesos de Transición a la Democracia*”, para uma explicação sobre o fenômeno alternativo na imprensa em razão do período de ditaduras pela América Latina nos anos 1970.

A constelação de títulos das publicações alternativas da segunda metade do século XX está devidamente inventariado pela literatura acerca do tema, destacando-se o trabalho de Kucinski. Todavia, o fenômeno atingiu proporções ainda pouco exploradas, nas ambiências regionais e locais.

A propósito da trajetória profissional de Walter Rodrigues, há registros de sua passagem pela imprensa alternativa nos anos 1970, ainda em Belém do Pará, antes de sua vinda para São Luís. Participou dos jornais *Bandeira 3*, ao lado de Lúcio Flávio Pinto, no posto de editor, e também do *Resistência*, cujo editor era Luiz Maklouf Carvalho, expoentes indubitavelmente da mídia alternativa em terras paraenses.

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

O Colunão, de certo modo, atualizou esse legado do “modelo ético-político”, incluindo até mesmo uma tentativa de migração para a mídia digital nos anos 2000.

Ressalte-se que tal modelização ética não exclui, de modo peremptório, arranjos políticos nos quais há clara intenção de viabilizar comercialmente a produção e a circulação do veículo alternativo. Esse campo de disputa, para a concretização do produto editorial fora de padrões rotineiros, é o cenário em que se desenrola a produção de sentidos manifestada pelo Colunão.

Tem-se, sem incrementos de “carregar nas tintas”, uma expressão opinativa inclusiva da pesquisa jornalística, com fontes credíveis, independentemente de alianças momentâneas e da posição ideológica do editor do periódico, algo que vai ao encontro do que Ana Regina Rego e Maria Isabel Amphilo apontam com precisão cirúrgica: “todo o discurso jornalístico é, por natureza, um discurso opinativo, mas não necessariamente um gênero de opinião” (Rego; Amphilo, 2010, p. 95). Essas autoras, certamente, inspiram-se em enunciados clássicos da história do jornalismo, a exemplo de José Marques de Melo (2003).

Um registro exemplificador desse processo é o fato de o Colunão ter poucos anúncios publicitários, porém efetivamente publicá-los, algo que o difere de publicações congêneres e contemporâneas. É o caso emblemático do *Jornal Pessoal*, do jornalista Lúcio Flávio de Belém do Pará, cuja convivência com Walter Rodrigues era datada dos anos 1970, como já foi mencionado acima. O periódico paraense sobrevivia da venda em bancas de jornal e revista, incluindo aquelas situadas em Shopping Centers, dividindo o espaço disponível com os chamados “jornalões” de circulação local e nacional. Cena semelhante a essa não aconteceu com o

WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO

Colunão, sobretudo em razão de travas impeditivas, politicamente inconfessas, e explicitamente colocadas pelas empresas de distribuição de produtos jornalísticos em São Luís do Maranhão.

No caso da experiência de publicação alternativa maranhense, houve durante algum tempo anúncios da TV Cidade de Coroatá, palco naquela ocasião do protagonismo político do ex-deputado estadual Ricardo Murad, liderança historicamente vinculada ao ex-presidente da República, e à época senador pelo Amapá, José Sarney. Murad por alguns anos liderou uma dissidência no chamado sarneísmo, posicionamento modificado a partir de 2003, quando o ex-deputado retorna ao agrupamento do principal líder político maranhense no século XX. Tratou-se, em dedução facilmente articulável, de uma aliança tática, em ocasião oportuna e pontual, entre o jornalista Walter Rodrigues e o político em postura momentânea de dissidência ao mandonismo, uma espécie de oposição circunstancial ao grupo então hegemônico na política estadual.

Outro anunciante do Colunão foi a então deputada estadual Helena Barros Heluy (PT-MA), figura de destaque no cenário da sociedade civil maranhense, tanto na instância de promotora de justiça quanto no âmbito da liderança cristã/católica. Em atuação parlamentar, a deputada tinha ampla sintonia com as causas vinculadas aos direitos civis, defendidas enfaticamente por Walter Rodrigues.

Lúcio Flávio sumariza a questão do financiamento e a roteirização de um possível legado das experiências de jornalismo alternativo à mídia empresa em postura panorâmica. Em testemunho colhido recentemente de modo remoto, via *e-mail*, o jornalista paraense do *Jornal Pessoal* (descontinuado) enfatiza num exercício de paralelismo entre a publicação editada no Pará e a congênere produzida no Maranhão:

Em primeiro lugar, por serem publicações de um homem só, jornalistas independentes em busca do máximo de fatos para chegar à verdade. Uma diferença fundamental estava no fato de o JP sempre ter sido uma publicação autônoma, indo para a venda avulsa. Isso causava despesas para a sua manutenção,

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

sobretudo por uma característica fundamental e, acho, inédita: não aceitava publicidade, embora ela seja a principal fonte de receita de uma empresa jornalística.

Até começar o JP, em 1987, sempre mantive um pé na imprensa alternativa e outro na grande imprensa, que financiava minhas constantes viagens pela Amazônia, me assegurando acesso a fontes e acontecimentos que a imprensa alternativa não me podia dar. E eu usava essa estrutura para fornecer matérias aos alternativos sem esse custo. Isso também influenciou o Walter. Ele participou do *Bandeira 3*, jornal alternativo que criei em Belém, em janeiro de 1975. O jornal, que era semanal, em formato tabloide, com 24 páginas, tinha uma estrutura razoável, por isso precisava de publicidade. Como não a conseguimos volume necessário, durou apenas sete números.

Em ambos os casos, a publicação era escrita por jornalistas profissionais já com experiência suficiente para fazer uma publicação independente e de credibilidade. Jornalistas capazes de responder por tudo que escreviam, inclusive em juízo, exercendo sempre função crítica na relação com o poder. Sem vinculação política nem dependência de qualquer instituição, sem um “mecenas”, o que limitaria a liberdade e autonomia. E com a possibilidade de ir aos fatos importantes para se informar diretamente o que acontecia. Ou seja: não ficar preso a um gabinete nem considerar a internet a fonte única – e frequentemente a principal. A fonte que define o jornalismo de verdade (e da verdade) está nas ruas, que é onde também está a verdade, não por acaso (Lúcio Flávio, 2023).

À parte a problematização acerca da verdade factual jornalística (algo, às vezes, próximo a certo pendor positivista), em cuja estruturação argumentativa há aspectos, fundamentalmente, pouco atinentes ao escopo deste texto, fica patente que Lúcio Flávio (este profissional de imprensa subscreve-se apenas com os prenomes) se refere à importância do jornalista estar em contato com a rua, com as fontes, com a ambientação social na qual está envolvido. Pode-se traduzir a inquietação do jornalista do Pará para as circunstâncias de análise já temporalmente inseridas no século XXI. Afonso de Albuquerque (2010) aponta para um problema advindo desde a fase da assim chamada, por ele, modernização autoritária do jornalismo brasileiro. Trata-se do fato de que, no bojo do

WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO

processo de introdução de novas práticas profissionais nos anos 1950 e 1960, as empresas jornalísticas valorizaram mais o trabalho do copidesque, em detrimento da importância operacional do repórter que tem intuitivamente o “faro” para notícia, algo presente até hoje na atividade das redações nos Estados Unidos da América, país do qual emanou os ditames para “modernização” pela qual passou o jornalismo brasileiro na segunda metade do século XX.

Infere-se que a prática jornalística de Lúcio Flávio e de Walter Rodrigues estava diametralmente oposta a esse jornalista de gabinete (algunha que lembra, inevitavelmente, a formulação de escritor Oswald de Andrade acerca dos “poetas de gabinete”, pouco afeitos à vida hodierna).

A militância profissional dos dois jornalistas em tela reafirma o compromisso e a postura do repórter com o “cheiro da rua”, sem diminuir a preocupação com a argumentação arguta e, às vezes, até provocativa, com os poderes político, econômico e empresariais, reinantes em determinados espaços temporais.

Pode-se afirmar com segurança que Lucio Flávio e Walter Rodrigues são jornalistas de “pernas fortes”, como bem aludiu Afonso de Albuquerque (2010), quando se refere aos estudos de Douglass Cater acerca das práticas profissionais nos Estados Unidos da América, mesmo após o processo de modernização de seus órgãos de imprensa.

O Colunão: um alternativo no ocaso do modelo impresso

Na exaustiva investigação da qual resultou a obra *Jornalista e revolucionários* (1991), Bernardo Kucinski, em anexo informativo, lista e classifica as publicações datadas da época dos anos da ditadura, extensivos aquelas que sobreviveram até a chegada da Nova República. O Colunão é posterior a esse período, e nas suas circunstâncias temporais

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

já se anunciava o entardecer do modelo impresso, algo que se reafirma, mesmo que até certo ponto resista, até os dias atuais.

Em uma mirada transversal sobre a publicação, nota-se que o aspecto mais efetivo de laço forte entre as duas temporalidades é o cenário político hostil. No caso do Maranhão, já inserido no período democrático pós-constituição de 1988. O enfretamento ao poder local de aspectos oligárquicos constitui-se em matéria para estudos em história e ciências políticas no âmbito acadêmico local, desde os anos 1970 (Caldeira, 1978) atingindo inquietações intelectuais já nestes anos 2000 (Costa, 2006).

O Colunão, portanto, é uma das muitas formas de manifestação de resistência ao “mandonismo”, noção de comportamento político investigada por José Caldeira acerca da conjuntura política local, ainda nos tempos do regime militar.

Algo que se pode destacar, no embate com forças políticas locais, era o cuidado do jornalista Walter Rodrigues de se pautar por fontes credíveis, incluindo-se aí o Diário Oficial, faceta que por si só já justifica revisitar o trabalho de jornalismo investigativo, mas também informativo e opinativo, da publicação com viés alternativo.

O Colunão contribuiu, em sua época, para a disseminação de informações sobre o Estado do Maranhão em diversos aspectos, especialmente acerca de assuntos que, muitas vezes, eram silenciados para a população tanto da capital quanto do interior.

O protagonismo de Walter Rodrigues extrapolou as fronteiras locais. Há registros disso. O jornalista Lúcio Flávio, editor por muitos anos do *Jornal Pessoal* (Belém - PA), em matéria escrita ao *site* do Observatório

WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO

de Imprensa (2010), alude, quando do falecimento do editor do Colunão, que o profissional deixou sua marca na história da imprensa brasileira.

No dia 18 de maio morreu, em São Luís, aos 61 anos, um dos maiores jornalistas paraenses. Tão grande – e tão raro – que sua competência transbordou da terra natal para o Estado vizinho. A vida de Walter Rodrigues se dividiu ao meio entre o Pará e o Maranhão. Atuou com a mesma competência de um lado e do outro da divisa, em torno da qual costumam ser cultivadas diferenças, desentendimentos e incompreensões mútuas.

Walter foi o paraense que mais bem se ajustou ao novo cenário, com o qual passou a ter tal intimidade que se tornou referência necessária. Ninguém entenderá o Maranhão contemporâneo sem passar pelos seus textos. O Pará que passou ficou em algumas das matérias que Walter criou, quando pelo lado de cá gorjeava, com seu texto limpo, sua ironia fina e seu sarcasmo cortante, arrasador. Merecia um final mais à altura dos seus méritos e do que produziu, patrimônio que se valorizará na medida do tempo, pelo simples fato de não ter substituto. O lugar que Walter Rodrigues ocupou – e, de certa forma, criou para si – era único. Ficou vago.

Embora fossem de pura iconoclastia algumas das características da sua personalidade, Walter não foi um dado aleatório no jornalismo. Ele deixaria sua marca e faria o que fez em qualquer lugar e em qualquer época porque não lhe faltavam qualidades absolutamente pessoais e intransferíveis. Mas sua presença mais forte no jornalismo se explica por determinado contexto, que começou a se delinear em 1973, na redação de *O Estado de S. Paulo*. (Lúcio Flávio, 2010).

Além disso, Lúcio Flávio pontua que uma das singularidades de Walter Rodrigues é que ele possuía uma compreensão dos processos políticos, visto que conhecia os poderosos da época pelo nome, por contato pessoal, por histórias íntimas etc.

Em outra edição do Observatório da Imprensa (2006), no texto intitulado “*Quando sai o jornalista, o jornal vira quitanda*”, Lúcio Flávio relata sobre o fim da parceria, na distribuição do semanário, entre Walter Rodrigues e o *Jornal Pequeno* (diário da imprensa popular maranhense no qual a publicação em tela foi encartada por quase dez anos); e, posteriormente, a criação do blog Colunão.

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

Walter perdeu o privilegiado contato que tinha todos os domingos com os leitores do *Jornal Pequeno*, mas mantém sua produção acessível através de um *blog*. Já planeja voltar à forma pioneira, como a do *Jornal Pessoal*, realmente independente (embora pesadamente sacrificante), porque deixou muitos órfãos na leitura da imprensa convencional. Os muitos que, sem seu maná dominical, abandonaram o jornal que o serviam e estão à cata de novo contato com a verdade (Lúcio Flávio, 2006).

Ainda sobre o rompimento, o jornalista e blogueiro maranhense Ed Wilson Araújo (2005) analisou, no ambiente da blogosfera local, com título “*Sem o Colunão, JP desequilibra*” o rompimento com o *Jornal Pequeno*, motivado por divergências editoriais em razão de Walter Rodrigues seguir uma linha de independência e de denúncias.

Em 25 anos de jornalismo no Maranhão, Walter Rodrigues acumulou méritos e também desafetos, fruto do trabalho de investigação que denunciou delegados torturadores, esquemas de corrupção, crime organizado, nepotismo no Judiciário e um rol de irregularidades no sarnéisimo ou nos diversos espectros da oposição. Recentemente, enfrentou quase solitário uma posição contrária aos interesses da Companhia Vale do Rio Doce na instalação do polo siderúrgico na ilha de São Luís e, por fim, criticou o projeto expansionista da Alumar em frontal desrespeito aos direitos trabalhistas (Araújo, 2005).

Em 2006, por força da crise para a distribuição do jornal, Walter Rodrigues envia aos seus leitores, por correio eletrônico, um comunicado sobre o atraso da reestreaia do Colunão, ainda no formato impresso, iniciativa severamente boicotada por agentes do poder local.

WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO

De: Walter Rodrigues
Para: Undisclosed-Recipient
Data: 22/04/2006 17:06
Assunto: NOTÍCIA DO COLUNÃO – URGENTE (Detalhes só na segunda ou depois)

NOTÍCIA DO COLUNÃO

22.4.2006

Prezados leitores e amigos

Está pronto o nº. 1 do Colunão nova fase, agora independente tanto na linha editorial quanto na circulação, já que deixa de ser encarte de outro jornal, como ocorria até novembro do ano passado, para arriscar-se em orgulhoso vôo solo.

Está pronto na redação, na edição e na diagramação das matérias, e deveria circular neste domingo. Infelizmente, isso não vai acontecer. Problemas com a gráfica, alheios à minha vontade e capacidade de agir.

Estou tomando as providências necessárias para imprimir o semanário nesta segunda-feira, de modo a oferecê-lo aos assinantes e demais leitores ainda na segunda à noite, o mais tardar na madrugada ou amanhecer de terça. Se for preciso, roda-se o Colunão em Fortaleza ou Terezina ou Belém. É apenas um obstáculo a mais.

Admito a frustração do atraso imprevisto, mas isso não me abate nem me agacha.

Grato pela atenção e pelo apoio.

Até breve,

Walter Rodrigues
Editor

Mesmo com dificuldades, até mesmo para circular, o Colunão tinha um fio condutor: o senso crítico, com ancoragem no temário sobre os direitos humanos, as questões ecológicas, os meandros da política nacional/local; e, sobretudo, a potencialidade do jornalismo investigativo. O Colunão abria espaços também para a reflexão acerca do papel da imprensa, ressaltando de modo claro a atuação do profissional de mídia. Embora não rotineiro, esse aspecto salta aos olhos em algumas edições do Colunão.

José FERREIRA JUNIOR
Lucilinda Ribeiro TEIXEIRA
Mary Aurea EVERTON

Análise crítica do papel da mídia a partir do *Jornal Pequeno*



Um jornal é um campo de batalha - Das intuições de Bogéa ao bem-vindo exagero de Millôr Fernandes.

Figura 1: Colunão - 3 jun. 2001.

É imperioso ressaltar, por exemplo, que, antes do rompimento com a publicação da família Bogéa, Walter Rodrigues homenageou os 50 anos do *Jornal Pequeno*, sobremaneira a figura de seu fundador, o jornalista Ribamar Bogéa, mentor da linha editorial do periódico. O texto, datado de 3 de junho de 2001, foi publicado na primeira página do Colunão. No artigo, ele reforça que a publicação resistiu durante cinco décadas, “com montanhas de erros e acertos”, mas sempre a favor da liberdade de imprensa e do direito de criticar e denunciar. Encerra a argumentação,

WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO

parafraseando o humorista e escritor, Millôr Fernandes, ao dizer que “imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados” (uma alusão do jornalista carioca aos estabelecimentos comerciais precursores dos atuais supermercados), abordando mais uma vez a relevância do jornalismo enquanto órgão alinhado à apuração dos fatos.

À guisa de um parêntese ilustrativo

É notório que a liberdade de imprensa, tão defendida por Walter Rodrigues, ainda é hoje um campo de batalha e de produção de sentidos.

Outra faceta da estrutura argumentativa de Rodrigues é não ter um posicionamento subalterno quando se coloca a relação entre a mídia dos grandes centros urbanos do país e os órgãos de imprensa regionais, associado a um senso crítico afiado, exposto no mesmo espaço em que homenageou Bogéa e o seu JP, sobre a realidade do diário do qual era parceiro.

O Jornal Pequeno não é menos independente que a Folha [de S. Paulo] e nem há ninguém, que lhe faça o papel de ACM [Antônio Carlos Magalhães, então senador pela Bahia] ou Sarney, apesar de suas ostensivas simpatias por Fernando Henrique, Roberto Rocha, Jackson Lago, José Vieira, Manoel Ribeiro e mais dois ou três – sem querer igualá-los entre si ou com a dupla do diário dos Frias, que pelo menos alguns deles não merecem. Tampouco tem ombudsman. E que função haveria para o ombudsman num jornal que tem tantos donos quanto empregados fixos e registrados e nada que se pareça com um estatuto ou manual de redação, de modo que às vezes ninguém tem certeza do certo ou se o erro está errado mesmo?

Essa lucidez e esse discernimento foram decisivos para o rompimento da parceria com o *Jornal Pequeno*, alguns anos depois desse texto ter sido publicado, reafirmando-se a trajetória de continuidade e de descontinuidade que marcam a vida de veículos alternativos de imprensa.

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

Considerações Finais

Diante do exposto, este texto reafirma a importância do jornalismo impresso autoral, pelo menos até o início deste século. As interpretações e opiniões singulares do trabalho jornalístico de Walter Rodrigues, por meio do Colunão, perenizam o “modelo ético-político” da imprensa alternativa latino-americana.

Ao analisar a trajetória do jornalista Walter Rodrigues, fica evidente a credibilidade que ele possuía junto à população maranhense, posto que após sua saída do *Jornal Pequeno*, ocorreu uma migração dos leitores para um *blog* (já descontinuado) articulado com parceiros e colegas de profissão. Ou seja, há um elo que liga as pontas de uma linha do tempo, num cenário nacional, que vem da imprensa alternativa de resistência à ditadura militar aos percalços da mídia desarmônica às oligarquias regionais no final do século XX e alvorecer do século XXI.

A iniciativa de Rodrigues, em uma época na qual os governantes constroem monopólios nos meios de comunicação (ainda no suporte impresso, mas sobretudo na mídia digital), comprova a relevância do temário do qual se reportava o Colunão, subsidiando debates, na atualidade, acerca de momentos históricos no Maranhão. Trata-se, contudo, de apenas um ramo da árvore que abriga diversas manifestações do fenômeno alternativo (ou com expressão explícita de alguma liberdade editorial) na historiografia da mídia brasileira.

Referências

ALBUQUERQUE, A. de. **A modernização autoritária do jornalismo brasileiro.** 2010. Disponível:<http://revistaalceu-acervo.com.pucrio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=9&inoid=372&sid=32>. Acesso em: 27 out. 2023.

ARAÚJO, E. W. **Ainda o desencarte do Colunão.** 2005. Disponível em: <https://zemaribeiro.wordpress.com/2005/11/17/ainda-o-desencarte-do-colunao/> Acesso em: 9 jun. 2021.

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa:** Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, M.; RIBEIRO, A. P. G. **Comunicação e história:** partilhas teóricas. Florianópolis: Insular, 2011.

BARBOSA, M.; RIBEIRO, A. P. G. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional.** 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/737/744>. Acesso em: 28 out. 2023.

CALDEIRA, J. de R. C. Estabilidade social e a crise política: o caso Maranhão. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n. 46, 1978.

CHARTIER, R. **A história ou a leitura do tempo.** Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, W. C. da. **Sob o signo da morte:** o poder oligárquico Victorino a Sarney. São Luís: Edufma, 2006.

COSTA, W. C. da. O salto do canguru: ditadura militar e reestruturação oligárquica no Maranhão pós-1964. **Ciências Humanas em Revista (UFMA)**, São Luís, v. 2, n.1, p. 183-191, 2004.

GOMBRICH, E. H. **Por uma história cultural.** Trad. Maria Carvalho. Lisboa: Gradiva, 1994.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

José **FERREIRA JUNIOR**
Lucilinda Ribeiro **TEIXEIRA**
Mary Aurea **EVERTON**

LÚCIO FLÁVIO. **Quando sai o jornalista, o jornal vira quitanda.** 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/quando-sai-o-jornalista-o-jornal-vira-quitanda/> Acesso em: 9 jun. 2021.

LÚCIO FLÁVIO. **Jornalista de dois mundos desavindos.** 2010. Disponível: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/jornalista-de-dois-mundos-desavindos/> Acesso em: 9 jun. 2021.

LÚCIO FLÁVIO. **Walter Rodrigues objeto de pesquisa acadêmica na UFMA.** Mensagem recebida em 16 jun. 2023.

MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo.** 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

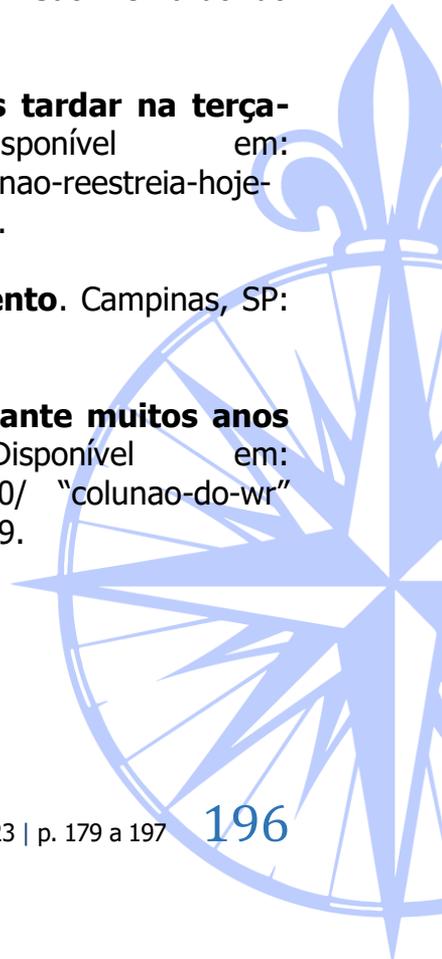
MORIN, E. **O método III: o conhecimento do conhecimento.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.

REGO, A. R.; AMPHILO, M. I. Gêneros opinativos. In: MELO, J. M. de; ASSIS, F. de. **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

RIBEIRO, Z. **O Colunão reestrea hoje, no mais tardar na terça-feira.** 2006. Disponível em: <https://zemaribeiro.wordpress.com/2006/04/24/o-colunao-reestrea-hoje-no-mais-tardar-terca-feira/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SANTOS, M. **“Colunão do WR” foi veiculado durante muitos anos no Jornal Pequeno.** 2010. Disponível em: <http://jornalpequeno.blog.br/manoelsantos/2010/05/20/colunao-do-wr-foi-veiculado-durante-muitos/>. Acesso em 27 fev. 2019.



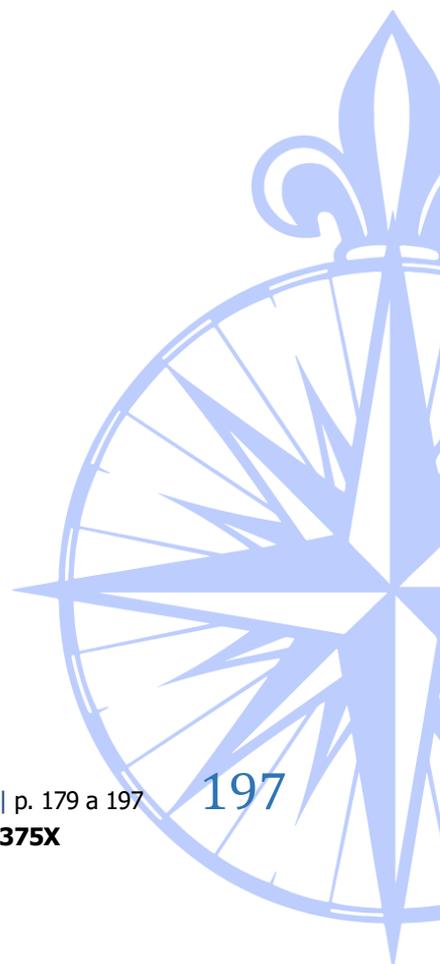
**WALTER RODRIGUES: AS CONTRIBUIÇÕES DO COLUNÃO PARA O JORNALISMO
ALTERNATIVO E CRÍTICO NO MARANHÃO**

João Pessoa – Brasil | **ANO 10 VOL.10 N.2** | JUL./DEZ. 2023 | p. 179 a 197

Revista Latino-americana de Jornalismo | ISSN **2359-375X**

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo – UFPB

ÂNCORA



197